



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 9, v. I maio-out 2018

p. 345-376.

“No interior não tem nada para fazer”: derivas das sexualidades no interior paulista¹

Shelton Ygor Joaquim De Cicco²

Larissa Pelúcio³

RESUMO: Este artigo aborda fluxos de desejo entre cidades no interior paulista e dentro delas. Vale-se de eventos para coletar dados empíricos, bem como observação de pontos de saturação sexual e a forma como determinados fluxos incidem sobre os redesenhos de derivas desejantes, mapeados por meio de perfis em aplicativos móveis para fins de encontros amorosos/sexuais. Trata e problematiza o jargão recorrente propagado entre os moradores locais, de que “no interior não tem nada para fazer”, tentando mostrar que há fluxos pulsantes de desejo dentro de uma cidade de médio porte, potencializado pelos circuitos que a conectam com cidades vizinhas. Expõe a configuração da rede de pessoas e desejo nas cidades em questão, focando em uma delas (Bauru) e em seus territórios de saturação sexual. Dialoga com percepções de interlocutores locais. Analisa a intersecção de marcadores de diferença social em aplicativos para relacionamentos e sua representação durante eventos festivos. Encerra-se o texto recapitulando as clivagens produzidas pela intersecção dos marcadores de diferença social nas imbricações de diferentes situações.

PALAVRAS-CHAVE: interior paulista; marcadores de diferença social; aplicativos para relacionamentos; fluxos desejantes; territorialidades.

Abstract: This article discusses flows of desire among cities in the country of São Paulo State, Brazil. It holds on events to collect empirical data as well as observation of sexual saturation points and how certain flows focus in redesigns of desiring driftages, mapped through profiles in mobile applications for love/sexual dating purposes. It deals with and problematizes the recurring argot propagated among the local residents, that “there is nothing to do in the country”, trying to show that there are pulsating flows of desire within a medium-sized city, enhanced by the circuits which connect it with neighbor cities. It exposes the configuration of the network of people and desire in the cities in issue, focusing on one of them (Bauru) and in its territories of sexual saturation. This analysis dialogues with perceptions of local interlocutors. It studies the intersection of markers of social difference in applications for dates and their representation during festive events. The text ends by recapitulating the cleavages produced by the intersection of markers of social difference in the entanglements of different situations.

Keywords: São Paulo’s country; social difference markers; applications for dates; desireful flows; territorialities.

Resumén: Este artículo discute los flujos de deseo entre ciudades de la provincia de São Paulo, cuya región es llamada “interior” de la provincia. Se ocupa de eventos para recopilar datos empíricos, así como de observación de puntos de saturación sexual, bien cómo determinados flujos se centran en el rediseño de derivas, mapeados a través de perfiles en aplicaciones móviles con fines de amor/encuentros sexuales. Trata y problematiza la jerga recurrente propagada entre las ciudades vecinas de que “no hay nada que hacer en el interior”, tratando de demostrar que hay flujos pulsantes de deseo dentro de una ciudad de tamaño mediano, potenciados por los circuitos que la conectan con las ciudades vecinas. Expone la configuración de la red de personas y el deseo en las ciudades en cuestión, centrándose en una de ellas (Bauru) y en sus territorios de saturación sexual. Este análisis dialoga con las percepciones de los interlocutores locales. Estudia la intersección de marcadores de diferencia social en aplicativos de relacionamiento y su representación durante eventos festivos. El texto termina recapitulando las divisiones producidas por la intersección de los marcadores de diferencia social en los enredos de las diferentes situaciones.

Palabras clave: interior de São Paulo; marcos de diferencia social; aplicaciones de relacionamientos; flujos deseantes; territorialidades.

¹ Agradecemos à Capes pelo apoio financeiro.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na Unesp/Marília. Bacharel em Ciências Sociais.

E-mail: sheltondecicco@gmail.com

³ Professora de Antropologia na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (campus Bauru, Departamento de Ciências Humanas FAAC), do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na mesma instituição (campus Marília), pesquisadora colaboradora do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu e doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: larissapelucio@gmail.com

Recebido em 20/09/17

Aceito em 07/12/17

1. A cidade como referência de afectos livres, ocasionando nomadismos

O virtual não se opõe ao real, mas apenas ao atual. O virtual possui uma realidade plena enquanto virtual. [...] O virtual deve inclusive ser definido como uma estrita parte do objeto real – como se o objeto tivesse uma de suas partes no virtual, e aí mergulhasse como em uma dimensão objetiva. (DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. São Paulo: Graal, 1998, p.185)

Faz muito calor e o ar amarelado parece tremular com o “batidão” da música eletrônica que vibra do caminhão de som, já cercado pela primeira onda de pessoas que vão participar do “X Encontro da Diversidade”⁴ – daqui por diante grafado apenas como “Encontro da Diversidade” quando referindo-se ao foco da análise, demais eventos e locais estarão sinalizados –, uma versão modesta das Paradas do Orgulho de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT). Bauru (SP), a “cidade sem limites”, como anuncia o *slogan* político adotado nos anos de 1950⁵, “ferve” com a chegada paulatina de ônibus fretados que vêm das cidades vizinhas. Eventos como a “parada”, como é mais conhecido o Encontro da Diversidade, intensificam o fluxo de pessoas e desejo. Um exemplo são as caravanas que a bicharia⁶ organiza periodicamente para eventos de grande monta, por exemplo em São Paulo capital (SPC), mas também no sutil e constante tráfego entre cidades-polo do noroeste paulista, detidamente, Bauru e Marília (SP) e suas redondezas.

É comum que as pessoas busquem nas cidades maiores aquilo que as menores não oferecem, desde emprego até sexo. Estudos como os de John D’Emilio (1983) mostram que cidades que são polos regionais urbanos configuraram-se como locais de atração para o consumo, o trabalho e o lazer, mas também evocam possibilidades de viver e experienciar com mais segurança a liberdade afetiva e sexual.

D’Emilio enfatiza a relação entre capitalismo e a criação de condições para que pessoas passassem a poder viver suas vidas de forma mais individualizada, inclusive no que toca à escolha de parceiros amorosos do mesmo sexo, mas foi Alan Bérubé (2010) quem, por sua vez, destacou o papel que o

⁴ Excepcionalmente, em 2017, a Parada da Diversidade de Bauru, considerada a maior do interior paulista, foi cancelada em razão do adoecimento de Pablo Vittar, que faria o show de encerramento. “Associação Bauruense pela Diversidade decidiu realizar outro evento na mesma data. O Encontro da Diversidade será nesta tarde, a partir das 14h, no Parque Vitória Régia. O evento encerra a Semana de Combate ao Preconceito e a Discriminação. Com estrutura de iluminação e som, a celebração contará com apresentação de DJ e performances de drag queens no Anfiteatro do Vitória”, segundo o portal de notícias da TV Tem, afiliada regional da Rede Globo (<http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/apos-cancelamento-da-parada-da-diversidade-novo-evento-e-realizado-em-bauru.ghtml>).

⁵ Segundo José Xaides de Sampaio Alves (2004), foi na gestão do prefeito Nicola Avallone Junior (Nicolinha) que se cunhou o referido *slogan*, a fim de promover a expansão urbana da cidade.

⁶ Em linguagem êmica, refere-se a uma parcela da população LGBT, notadamente gays, efeminados, de cútis negra ou parda e de classe social mais humilde.



Estado também teve na criação dessas condições, haja vista que – durante a II Guerra Mundial – mais de dezesseis milhões de americanos (dos quais algumas centenas de milhares eram mulheres) se alistaram para o esforço bélico, migrando de suas cidades natais e passando a viver, durante muitos anos, em contextos de homosociabilidade em que as relações entre pessoas do mesmo sexo tornavam-se possíveis. (MISKOLCI, 2017, p.147)

No contexto sobre o qual nos debruçamos, distantes geográfica e historicamente daqueles investigados por D’Emilio e Berubé, as cidades mais populosas do interior paulista são, muitas vezes, qualificadas como melhores pelos/as nativos/as, do ponto de vista da estrutura, por congregarem utilidades diversas e também porque as pessoas que ali residem, supostamente, manteriam relações mais individualizadas, ao mesmo tempo em que essa individuação proporciona interações cotidianas que se dão em diferentes esferas da vida social. Esses dados guardam relação com o que Émile Durkheim chamou de solidariedade orgânica (DURKHEIM, 2010 [1893]), típicas das cidades grandes, ou de forma mais aguda com o que Georg Simmel (2005 [1903]) descreveu como a “vida nervosa” das metrópoles.

Na medida em que a cidade grande cria precisamente estas condições psicológicas – a cada saída à rua, com a velocidade e as variedades da vida econômica, profissional e social –, ela propicia, já nos fundamentos sensíveis da vida anímica, no quantum da consciência que ela nos exige em virtude de nossa organização enquanto seres que operam distinções, uma oposição profunda com relação à cidade pequena e à vida no campo, com ritmo mais lento e mais habitual, que corre mais uniformemente de sua imagem sensível-espiritual de vida (SIMMEL, 2005, p.578)

Distantes das proposições de Simmel, nas cidades menores do interior paulista vive-se, em maior ou menor grau, as excitações e tensões dos encontros com as diferenças/diferenciações. Conectadas em fluxos digitais que informam e ampliam consideravelmente os horizontes aspiracionais de seus/suas habitantes, as cidades pequenas transbordam. As plataformas de sociabilidade digital, tais como *Facebook*, *Instagram* e aplicativos móveis para fins de relacionamentos afetivos/sexuais, como *Hornet* e *Tindr*, mexem com a “imaginação” dos/as habitantes dessas localidades, não como “mera fantasia”, segundo explica Arjun Appadurai (1996), mas como “prática social”:

Um campo organizado de práticas sociais, uma maneira de trabalhar (tanto no sentido trabalhista como no de prática culturalmente organizada) e uma forma de negociação entre sedes de ação (indivíduos) e campos de possibilidade globalmente definidos. (APPADURAI, 1996, p.48).



Mais do que recordar as teorias clássicas sobre modernidade e subjetividade, os dados que recolhemos em incursões etnográficas em espaços de homossociabilidade em Bauru, uma cidade de médio porte do interior paulista, sinalizam para as excitações imaginativas e atizam os fluxos, mas também imprimem certa efemeridade nas relações sociais afetivas e apontam para o nomadismo. Esse último termo (proveniente de DELEUZE; GUATTARI, 1997, v.5) será privilegiado por conta da mobilização de afectos e de agenciamentos coletivos que são produzidos e produzem as relações sociais no contexto específico aqui considerado. O conceito de nomadismo é empregado pelos autores no *Tratado de nomadologia* (*Idem, ibidem*) para propor um modelo de ocupação de territórios que se orienta por afecções, não no sentido de doenças nem de sentimentos, mas da maneira como os/as agentes contagiam-se – daí o termo “afecto” empregado pelos autores e por nós – dos acontecimentos em cada tempo e espaço e da forma como esse contágio configura territorialidades. Sendo as afecções estabilizações momentâneas (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v.5, pp.195 ss.), as territorialidades são nômades, mudam assim como as pessoas mudam ao contagiarem-se por outros acontecimentos.

Estudaremos (na seção 4) espaços fechados: uma sauna e um cinemão, e assim exploraremos o território de fluxo de desejo homoerótico no centro comercial de Bauru. Estamos nos valendo de relatos de interlocutores, observação sistematizada dos locais abertos e fechados aos olhos do público e também da dinâmica dos fluxos dos perfis de usuários de aplicativos móveis para fins de relacionamentos (que podem ser afetivos, amorosos, amistosos, sexuais, duradouros ou passageiros – predominante, todavia, os sexuais, impessoais e efêmeros). Procederemos a uma comparação entre o movimento dos espaços destacados nos chamados “dias úteis” e nos fins de semana. Incluiremos, ainda, uma data especial, na qual ocorreu o Encontro da Diversidade, a fim de podermos comparar a dinâmica de fluxos ao longo de um evento. Bastante divulgado regionalmente, o evento em questão, como tem acontecido nos últimos anos, atrai pessoas das cidades próximas. O clima festivo proporcionado pela música, interrupção do tráfego na Avenida das Nações Unidas, artéria central da cidade, as bandeiras com as cores do arco-íris, as fantasias e as manifestações públicas de afetos e afetações são elementos que convidam e, em alguma medida, parecem autorizar o rompimento com as vigílias heteronormativas que cotidianamente tornam alguns corpos e desejos abjetos. Tudo isso corrobora para exasperar o paradoxo que é agenciado pelas pessoas nas cidades de médio e pequeno porte no interior paulista. Do encontro entre desejo e segredo confluem cidades, territórios, dissidências, aplicativos de celular, eventos. É uma promiscuidade por vezes inaudita e insuspeita entre desejo e segredo, em toda a topografia arranjada pelas máquinas sociais desejantes em cada momento.



Como observaram Elaine Cristina Gomes de Moraes e Murilo Cesar Soares:

A Parada, sob a ótica festiva, nos levou a constatar que, embora essas pessoas vivenciem uma realidade de exclusão em muitos contextos e que seja necessário reivindicar transformações sociais, o evento lhes proporciona uma supremacia momentânea. Nesse dia, *gays*, lésbicas, travestis, transexuais e *drag queens* abandonam os espaços homossexuais e veem a Parada como um espaço para festejar em um espaço público, protagonizando encenações para uma plateia que os assiste, em um local privilegiado da cidade. (MORAES; SOARES, 2014, p.703, ênfases do original)

Essa sensação de liberdade celebrada pelxs autorxs atrai anualmente um público considerável para Bauru, flagrante no número de ônibus fretados que chegam à cidade nessas ocasiões. Segundo dados da Associação que organiza o evento, conta-se mais de 50 mil pessoas em média desde 2015.

Nosso objetivo, a partir dessas observações, é analisar os fluxos de desejo dentro da cidade-polo (Bauru) e entre ela e suas vizinhanças, cruzando-os também com o que acontece nos territórios de “pegação”⁷ homoerótica mais visíveis da cidade. Importa salientar desde já que são paradoxais os acontecimentos de desejo homoerótico autorizado a exibir-se em público em eventos e os agenciamentos coletivos nomádicos, secretos e furtivos do locais privativos; as mídias digitais apenas tornam explícito o paradoxo proveniente da promiscuidade entre desejo e segredo – por isso mesmo justapomos evento, aplicativo e território em seus numerosos fluxos. Como comportam-se os fluxos de desejo em períodos ordinários? Eventos extraordinários alteram de maneira significativa os fluxos? De que meios as pessoas valem-se para fazer seus desejos circularem e saciarem-nos? Que lugares podem ser buscados nesses contextos? O que Lauren Berlant e Michael Warner nomearam de “sexo em público”, aquele que não está necessariamente visível enquanto ato e prática, mas presumido e convocado a disfarçar-se:

La cultura heterosexual procura su inteligibilidad mediante la ideología y las instituciones de la intimidad. Sin embargo, a pesar de que las relaciones íntimas parezcan conformar por sí mismas el reino de la sexualidad, lo cual hace que el “sexo en público” aparezca como algo fuera de lugar, la intimidad es mediada públicamente en muchos sentidos. En primer lugar, sus espacios convencionales presuponen una diferenciación estructural entre la “vida personal”, y el trabajo, la política y la esfera pública. En segundo, la normatividad de la cultura heterosexual relaciona la intimidad sólo con las instituciones de la vida personal, privilegiándolas como instituciones de la reproducción social, la acumulación y la transferencia de capital y el desarrollo personal. En tercer lugar, al presentar el sexo como algo irrelevante o meramente personal, las convenciones heteronormativas de la intimidad bloquean la construcción de culturas sexuales públicas no normativas o explícitas. Finalmente, esas

⁷ Os atos sexuais furtivos em locais públicos são com frequência designados de “pegação” em linguagem êmica.



convenciones fabrican un espejismo: una base hogareña de humanidad prepolítica desde la que los ciudadanos son aleccionados a entrar en el discurso político, y a la que se espera que regresen en el futuro (siempre imaginario) después del conflicto político. La vida íntima es ese inacabable otro lugar (“elsewhere”) del discurso político público, un refugio prometido que distrae a los ciudadanos de las condiciones desiguales de su vida política y económica, los consuela de los daños causados a su humanidad por la sociedad de masas y los culpa por cualquier divergencia entre su vidas y la esfera íntima. (BERLANT; WARNER, 2002, p.236)

Com efeito, existe produção de pessoas e desejos, produção essa que é política e circula não apenas na cidade-polo, mas também em suas cidades satélites e periféricas. O polo atrai as máquinas sociais desejantes e satura o processo, mas também cria novos centros e novas periferias dentro da própria cidade e em relação às circunvizinhanças. Surge uma circulação intensa e por vezes extensa de afectos. Aprende-se a ver e a esconder, a nomear e a calar, mas ensaia-se formas de tornar público, visível e reconhecido os desejos proscritos. A política “fechativa” das Paradas são momentos em que a intimidade mostra-se pública, por isso política.

Voltamos nosso olhar para os espaços públicos dos desejos privados, cinemões e saunas, circuitos de consumo e lazer. Mas antes vamos a derivas que nos levam a um deambular pela literatura sócio-antropológica sobre sexualidades dissidentes e os fluxos desejantes que reconfiguram espaços urbanos.

2. Fluxos de desejo entre cidades e dentro delas

El deseo emerge bajo una forma múltiple, cuyos componentes sólo son separables *a posteriori*, en función de las manipulaciones a las que le sometemos. El deseo homosexual, al igual que el deseo heterosexual, es un recorte arbitrario en un flujo ininterrumpido y polívoco. (HOCQUENGHEM, 2009, p.22, ênfases do original)

O texto de James Green, *Além do Carnaval* (2000), retrata uma gama de contatos afetivos e (homo)sexuais furtivos em locais de frequência pública na capital do Rio de Janeiro e de São Paulo desde pelo menos a passagem do Império para a República (1889) e passagem do século XIX para o XX. Ali estão registrados elementos diversos de uma subcultura – termo empregado pelo autor – homossexual incipiente que nos permitem compreender que o mito da permissividade tropical tinha suas contrapartes repressoras, que essa subcultura homossexual acompanhava humores políticos e que os dissidentes sexuais e de gênero sabiam apropriar-se dos locais públicos. Quanto ao outro aspecto, o de que a cidade grande é mais permissiva, ele também está registrado na migração das pessoas para o



Rio de Janeiro, seja a trabalho, estudo ou turismo. Esses dois mitos estão presentes e podem ser encontrados na etnografia de Carmen Guimarães (2004 [1977]). Segundo a autora, o grupo de interlocutores que ela acompanhou na década de 1970 vinha de Belo Horizonte e fixara-se no Rio de Janeiro tanto por haver ali uma rede de sociabilidade homossexual como pela suposta liberdade oferecida pelo anonimato da grande cidade (GUIMARÃES, 2004, p.17)

No contexto paulistano da década de 1950, podemos ler em José Fábio Barbosa da Silva (2005 [1958]) como organizou-se um gueto ou região moral – conceitos em voga na época –, que acolhia não só homossexuais, mas todo tipo de “dissidentes” que se apropriaram do centro velho da capital paulista, especialmente nas imediações da Praça da República, do Largo do Arouche e das famosas Avenidas Ipiranga e São João, em ruas e praças, mas também cinemas, teatros, bares e apartamentos para alugar por hora. Posteriormente, na década de 1980, Néstor Perlongher (1987) estudaria como esses territórios entrecruzam-se e produzem descodificações das normas sociais e do desejo que permitem convergir classes sociais, “raças”, sexualidades e gêneros através do desejo (homossexual), podendo inclusive ser descodificados pelo dinheiro.

É interessante notar as influências dos movimentos sociais e políticos norte-americanos sobre as pessoas que aqui viviam e buscavam vocábulos no campo de gênero e sexualidade não normativos para nomearem as suas experiências. Todos/as os/as autores/as supracitados/as mencionam esse tráfego transnacional de informações sobre o meandro que hoje chamamos LGBT. A dissertação de Regina Facchini (2002) sobre o movimento então chamado GLBT de São Paulo registra esse trânsito ainda na década de 1990 e sua influência na construção de identidades coletivas nacionais.

Há ainda práticas dissidentes semelhantes entre, digamos, EUA e Brasil. Um estudo de Laud Humphreys (1970), cujo título traduziríamos por *Negócio do banheiro*⁸ (tradução livre de *Tearoom trade*), descreve atos de sexo impessoal praticados por homens de maneira reiteradamente furtiva em locais públicos, notadamente banheiros de parques e praças. Que a pegação acontece nos banheiros pode não ser novidade; acontece em banheiros de SPC, de Marília e de Bauru. Esses banheiros não precisam estar localizados em, digamos, largos ou autoramas⁹; podem estar em centros de compra, mercados e rodoviárias. Por outro lado, Humphreys tem o cuidado de inserir os interlocutores em suas condições materiais concretas, nas quais marcadores sociais como pertencimento geracional, “raça” e

⁸Ao lado da tradução da gíria (gay) inglesa (*tearoom*), cumpre anotar que a gíria (gay) brasileira “banheiro” refere-se a práticas sexuais homoeróticas realizadas em banheiros públicos.

⁹ Alusão ao autorama, atualmente desativado, que funcionava no parque do Ibirapuera, a meio caminho da zona sul de SPC, como estacionamento e fuga do trânsito e para contatos sexuais furtivos entre aqueles que atravessavam a cidade pela Avenida 23 de Maio, via expressa que atravessa a cidade de norte a sul.



classe social aparecem como relevantes para pensar nos fluxos, nos nomadismos e em uma política econômica do desejo (HUMPHREYS, 1970, pp.38-52). Considerando-se as mudanças sócio-econômicas e culturais do período pós-1970, entre elas a (falência da) contracultura, os pós-modernismos, o desmonte do Estado de bem-estar social e a construção de uma política econômica neoliberal, é relevante observar que os comportamentos dos próprios homens com relação aos seus desejos proscritos estava modulado por todas essas marcas, incluindo-se as territoriais, no sentido da apropriação de locais públicos específicos para fugir da vigília e de espaços heteronormativos.

No presente, sendo os/as agentes guiados/as pela nova economia do desejo, “na qual não apenas os contatos sexuais e amorosos passam a ser mediados digitalmente, mas os critérios de busca e seleção de parceiros são higienizados em relação ao passado” (MISKOLCI, 2017, p.198), os fluxos desejantes podem até mesmo desviar-se dos “incidentes anódinos ou insignificantes da rua” (PERLONGHER, 1987, p.167). Mas não estão livres das regulações saturadas por referentes hegemônicos sobre quem merece ser amado/desejado, quais sejam: parecer heterossexual, ser jovem, ter músculos definidos, não carregar marcas flagrantes de raça, etnia e classe baixa, são elementos que alçam alguns ao ápice da pirâmide da desejabilidade. Há diversos estudos importantes sobre as interações desses marcadores de diferença social e as restrições de desejo (FACCHINI, 2008; FRANÇA, 2010; SIMÕES; FRANÇA; MACEDO, 2010, entre outros).

Richard Miskolci, em seu mais recente trabalho (2017), considera que uma das mais importantes transformações que o advento da internet trouxe para o campo das relações afetivas/sexuais relaciona-se justamente com a possibilidade de, mesmo que virtualmente, driblar-se

[...] a interferência comunitária, familiar e até de amigos [que] sempre influenciou (e muitas vezes limitou) as escolhas amorosas. Por meio eletrônico passou a ser possível paquerar segundo seus interesses pessoais, inclusive gostos eróticos os mais específicos. (MISKOLCI, 2017, p.99)

Quer dizer, viabiliza-se intercursos sexuais anônimos, impessoais e secretos, longe dos olhos heteronormativos do mundo do trabalho, da vida familiar, compulsoriamente heterossexuais, e do espaço público. Essa relação entre trabalho e sexualidade também pode ser lida no registro do consumo e de como esse cria territórios e códigos para sexualidades outrora marginalizadas, e num momento posterior, descodificadas e desterritorializadas da moral a fim de ser reterritorializadas dentro dos limites do aceitável e consumível. Apesar dos termos deleuze-guattarianos empregados por nós, essa análise foi empreendida em outros termos por Isadora Lins França (2006) para demonstrar como o mercado busca influenciar na atuação de movimentos sociais, no caso em particular o LGBT.



Essa autora demonstra mesmo que a “boca do lixo”¹⁰ em SPC foi apropriada pela segmentação de mercado, criando o nicho GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes)¹¹, em que haveria convivência entre heterossexuais e homossexuais em torno de estruturas de consumo. Grosso modo, o capitalismo soube apropriar-se da segmentação do desejo para ampliar seus limites de comercialização.

Todas/os essas/es autoras/es sinalizam para a importância de estudar as imbricações entre cidade, desejo e mercado. Elas/es todas/os também debatem sobre cidades que são capitais ou referências internacionais. O que dizer, por exemplo, do interior do estado de São Paulo? Essa questão foi tangenciada preliminarmente, no início do texto, quando nós delineamos alguns problemas quanto ao campo de pesquisa no interior do estado.

3. De volta à “cidade sem limites”

“A cidade de Bauru (SP) ganhou notoriedade por saciar a fome de muitos brasileiros”, lê-se em reportagem publicada em 2015 no jornal *Folha de S. Paulo*¹². “Do final dos anos 1940 ao começo dos 1980, funcionou na cidade do interior paulista um dos principais bordéis do Brasil, a Casa da Eny¹³.” prossegue o autor, em referência a um famoso bordel da cidade.

Eny e o grande bordel brasileiro, de Lucius Mello, narra a biografia dessa dama da noite, influente entre políticos nacionais que vinham de helicóptero até Bauru para as delícias do sexo transgressivo, e público, na casa de Eny. Como não se trata aqui de catalogar documentos tocantes a esse caso, ressaltamos nosso ponto: Bauru goza de vida noturna desde que três linhas férreas entrecruzaram-se nas proximidades do rio homônimo do município. Além de remontar às

¹⁰ O que se chama(va) “boca do lixo” é o centro velho de SPC, nas proximidades da Praça da República, do Largo do Arouche e das “partes baixas” do Bela vista, especialmente as ruas Augusta e Frei Caneca e suas contiguidades. Foi alcunhado “boca do lixo” em oposição à “boca do luxo” (isto é, o bairros dos Jardins, do lado oposto da Avenida Paulista, e reduzindo as pessoas e fluxos que ali pulsa(va)m a “lixo”, por tratarem-se de áreas de reincidente criminalidade e prostituição.

¹¹ França explica *passim* que o “simpatizantes” ali empregado é uma tradução do inglês “friendly”; é comum encontrar hoje, por exemplo, hotéis e outros serviços que assinalam, sem traduzir, ser “gay friendly”, ou “simpatizantes”, conforme o vocábulo de outrora.

¹² Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/02/1592467-livro-narra-a-trajetoria-da-cafetina-eny-cezarino-e-seu-famoso-bordel.shtml>> acesso em 04-09-2017.

¹³ Nota da autora e do autor: “Casa da Eny” era um bordel que, entre 1940 e 1980, foi famoso e atraiu, conta-se, visitas de personagens da grande política de cada época. A questão do “meretrício” e da vida noturna agitada de Bauru é sabida desde há muito e atribui-se tal “ferveção” ao truncamento de três ferrovias na cidade, que ocasionou afluxo de pessoas, homens e mulheres, mascates, trabalhadores, vendedores, viajantes, todos/as de passagem; fato que agraciou Bauru com uma vida noturna agitada. Há registros dessa vida noturna na obra poética de Rodrigues de Abreu. A opulência e influência política de Eny pode ser aferida, por exemplo, pela sua permanência no local em que seu recinto costumava funcionar; quando todas outras casas de tolerância e profissionais do sexo foram removidas à força do centro comercial da cidade para as áreas periféricas, como costuma acontecer nos projetos arquitetônicos e urbanísticos, a Casa da Eny permaneceu ativa e incólume.



origens da cidade – como muitas das cidades no interior do estado de São Paulo, Bauru também nasceu por causa da construção da ferrovia –, os relatos sobre a badalada vida noturna de Bauru atingiam, na década de 1940, capitais como São Paulo e Rio de Janeiro e mesmo a atenção de personagens de destaque na política da época.

Ferrovias podem estar hoje um tanto fora de moda, sobretudo depois que o território do estado foi rasgado pela malha rodoviária. Mas a vida noturna de Bauru continua a chamar a atenção das pessoas. Talvez não mais de políticos de destaque, como nos tempos de Eny, mas certamente dos/as habitantes da região.

Em 2013, em etnografia sobre a vida social de gays em Marília, Shelton De Cicco (2014) ouviu repetidamente que “Marília não tem nada para fazer”, que “no interior não tem nada [ao passo que a capital do estado teria algo a oferecer]” e que “Bauru é bem melhor que Marília”. Há divergências entre as pessoas quanto a esses pontos, evidentemente. Estamos nos referindo a uma parcela de pessoas que foram entrevistadas. Alguns anos atrás, por ocasião da pesquisa em Marília, já se aventava a hipótese de que em Marília Édipo passa bem; Édipo no sentido empregado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010), qual seja, de repressões. Ao passo que em Bauru as coisas tendem a funcionar em outro registro, notadamente descolado das ideologias de matriz neopentecostal, que marcam as experiências colhidas em Marília. Seria esse, segundo aventou-se naquela pesquisa, um dos motivos do fluxo de desejo Marília → Bauru. Remarque-se que é importante guardar as proporções: Marília possui em torno de 235.234 habitantes e 88 anos; Bauru, 371.690 habitantes (aproximadamente 58% a mais) e 121 anos.¹⁴

Ainda, com relação às cidades, ambas polos regionais, pode-se encontrar concentração de *campi* universitários públicos e privados, e um outro fluxo de pessoas, que afluem às universidades a cada noite em grande parte dos casos (e em menor número durante o dia), ou durante a semana, permanecendo nas cidades e retornando para os/as familiares nos finais de semana ou no mesmo dia. Esses/as estudantes tendem a ter um engajamento mais flutuante com a cidade por ocasião de eventos locais, aproveitando muitas vezes fins de semanas e feriados para retornarem às cidades de origem. A influência desses fluxos é considerável na economia e certamente no desejo. Esses trânsitos refletem, como mostramos na seção 4, na discrepância na quantidade de homens que procuram homens nos aplicativos de busca de parceiros. Esse fluxo altera os circuitos de desejo.

¹⁴ Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=352900>> e <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=350600>> acessos em 04-09-2017.



Os dados colhidos em Marília (DE CICCO, 2014) levam-nos a inferir que os gays entrevistados não tenham interesse em Bauru pela prostituição convencional, isto é, na busca por mulheres, sem prejuízo da possibilidade de que os gays venham a querer um intercuro com um michê. O que as pessoas relatavam em Marília é que seria possível encontrar em Bauru aparelhos para lazer e prazer que não seriam equiparáveis aos daquela outra cidade. Marília possui, desde pelo menos 1995, uma casa noturna dedicada ao público LGBT. Existem, no presente, bares, baladas e festas diversas em que aqueles/as que desafiam as expectativas da heterossexualidade possam recrear-se. Ainda assim, as pessoas insistem em procurar afecções em Bauru.

Marília, a cerca de 100km de Bauru, é uma cidade-polo tanto quanto Bauru, apesar de sua população significativamente menor. Mas a presença, em Marília, de um *campus* da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) e outras instituições de ensino superior privado de grande monta atraem anualmente jovens de todo o estado para a cidade. Não obstante, há algo na cena gay de Bauru que justifica sua fama e alcança as cidades da região, inclusive Marília. Ou é esse algo que atua como ponto de atração para muitas pessoas? O que Bauru oferece às pessoas, que mexe com sua imaginação (APPADURAI, 1996), e faz com que elas fujam para lá?

Interlocutores dão a pista: lazer e socialidade mais profícua em diversos sentidos, conforme os desejos de cada um. Ou seja, mercado de lazer segmentado. Existe mesmo uma categoria nativa, “bicha peregrina”, que serve de diacrítico para meninos que entram nesse devir diaspórico entre cidades, motivados pelos encontros com parceiros, amigos e anônimos. Busca-se fruição do tempo no deslocamento pelo espaço, desviando-se de olhares e julgamentos de possíveis conhecidos, colegas de trabalho e familiares, em suas cidades de residência (o que coaduna com as explicações de D’EMILIO, 1983 e MISKOLCI, 2017).

Desenvolvemos nossa hipótese: o processo histórico que engendrou as cidades e os boatos acerca da sua vida, inclusive sexual, mais livre das moralidades que as circundam, produziu uma sociedade em que o desejo passa por fluxos específicos. Simmel (2005) ressalta que a cidade grande produz pelo menos duas formas de individuação, isto é, as pessoas passam a ser indivíduos em dois sentidos: (1) serem únicas e singulares, e daí o autor compreende a tendência que as pessoas têm, nas grandes cidades, de procurar diferenciarem-se ao máximo umas das outras. Essa diferenciação só seria possível pelo afrouxamento dos controles morais e pela complexificação da vida a partir das exigências da divisão do trabalho; (2) por outro lado, inseridas na massa urbana, as pessoas vêm a ser consideradas apenas mais um número estatístico. Embora sejam únicas e singulares, são “apenas mais



um” frente a outrem, em meio a uma multidão e para estruturas como o Estado. Essa “invisibilidade” do sujeito transformado em número colaboraria com o esgarçamento das amarras morais.

Pensemos no presente, inspirados pelas proposições acima. O capitalismo descodifica tudo (DELEUZE; GUATTARI, 2010), inclusive a moral, por meio de fluxos que ele libera (fluxos de dinheiro, de mercadorias, de pessoas, de lixo, de desejos etc.) a fim de que o capital expanda-se sempre. É por causa dessa necessidade de expansão, segundo Deleuze e Guattari (2010), que o capitalismo “permite” que códigos outrora rígidos sejam descodificados, liberando fluxos diversos – essa permissão é concedida desde que o sistema produtivo seja preservado, ou seja, contanto que os fluxos liberados mantenham-se dentro dos limites do capitalismo. Um desses limites, muito pungente, é o consumo, por essa razão algumas autoras, como Isadora França (2006), inscrevem a segmentação do mercado GLS e do consumo como relevantes para compreender-se movimentos sociais e identidades políticas. Descodificações generalizadas são acompanhadas concomitantemente, conforme Deleuze e Guattari (2010; 1996, v.3; 1997, v.4) por desterritorializações, que podem ser definidas inicialmente como “[a] função de desterritorialização: D[esterritorialização] é o movimento pelo qual ‘se’ abandona o território. É a operação da linha de fuga.” (*Id.*, 1997, v.5, p.197). Tais territórios podem ser territórios geopolíticos ou “territórios morais” (como conceitua Perlongher ou as “regiões morais”, de Robert Ezra Park). No caso, se o capitalismo não destruir o território, ele abre aos/às agentes possibilidades para eles/as mesmos/as se desterritorializarem, por exemplo, migrando, flanando, fugindo etc. Esses processos permitem ainda que os fluxos de desejo passem pela criação de perfis em aplicativos de paquera, pelo deambular fortuito e ligeiro durante os intervalos de trabalho e pela circulação pelo centro da cidade em busca de locais já mapeados e sexualizados pelos/as agentes.

O que constamos ao seguirmos esses fluxos é que existe efetivamente um fluxo de desejo intenso entre Bauru e Marília. Se o sentido do fluxo por vezes parte de Marília para Bauru, isso se deve à organização social de cada cidade. Marília pode criar relações de vigília que fazem desejos dissidentes fugirem para Bauru¹⁵, onde, para esses/as nômades, o desejo desterritorializado deixá-los-ia mais livres de determinadas amarras sociais e protegidos/as de constrangimentos morais. Coloca-se a possibilidade de fluxo em sentido contrário (Bauru → Marília), ocasionado pela busca por trabalho, estudo, relações de amizade, parentesco e desejo – esse último caso parece menos incidente

¹⁵ Uma análise desses fluxos com relação a armários, no caso, fuga de retaliações locais e de problemas com a família pode ser encontrada em Kurashige (2014) e Padilha (2015).



comparado aos demais, segundo relatos de interlocutores, e sendo aquilo que tange o desejo o foco deste texto, trabalharemos com o recorte daquele fluxo mais intenso (Marília → Bauru).

Eventos como o Encontro da Diversidade, em Bauru já em sua décima edição (2017), ao lado da sempre adiada parada do orgulho LGBT de Marília, prometida pela segunda vez para este mesmo ano (e que de fato, concretizou-se a 1º de Outubro de 2017), ajudam-nos a explicitar a promiscuidade entre desejo e segredo. Os fluxos de pessoas atravessam territórios (sauna, cinema etc.), eventos (Encontro da Diversidade) e aplicativos (mídia digital ou aspecto virtual da realidade, no sentido de DELEUZE, 1998). Apesar de espaços públicos, pontos de saturação, eventos e ambientes virtuais para encontros afetivo-sexuais entre homens, o segredo persiste.

Segundo Felipe Padilha (2015) – em pesquisa sobre os usos de aplicativos móveis para fins amorosos e sexuais entre homens vivendo em cidades da região de São Carlos e Araraquara, no interior paulista – os temores advindos das relações que esses homens mantêm com a esfera do trabalho e da família são determinantes para a busca e efetivação desses fluxos desejanter fora de suas cidades de residência. Assim, o trânsito entre cidades próximas visaria preservar uma presumida heterossexualidade, que os protegeria também do estigma da homossexualidade e suas consequências adivinhadas.

Em cidades pequenas do interior de São Paulo, a dinâmica das relações sociais se dá em um contexto em que muitos se conhecem, de forma que, em alguns nichos de sociabilidade, a “vida alheia” não passa despercebida. Dito isto, é possível traçar um paralelo estudos sobre comunidades menores e mais coesas, como aquelas estudadas pela antropóloga Claudia Fonseca (2000). Nesse estudo, esta autora nos oferece uma interpretação sobre o poder e sua íntima ligação com a violência, o humor, a honra e a fofoca. Esses elementos deslocam um conjunto de códigos, formas e simbolismos imiscuídos nas dinâmicas de gênero e classe social, operando como um mecanismo de controle social disperso entre “fortes” e “fracos”, especialmente quando circunscrito a acusações morais acerca das sexualidades. (*Id.*, pp.110-11)

Padilha refere-se prioritariamente aos encontros agendados por meio de aplicativos, com contatos prévios e acertos nos quais o segredo “é a alma do negócio”. Em nossas observações, territórios morais nos quais se dão o “sexo em público” (BERLANT; WARNER, 2002), percebemos que os encontros são ainda, como observou Perlongher, em seu hoje clássico *O negócio do michê* (1987), atravessados por urgências regidas pelo segredo. Vamos nos encaminhar, a seguir, para o centro da cidade de Bauru a fim de mostrar como o segredo impregna as relações desejanter nesse contexto.



4. Saturação sexual em pontos centrais, na perspectiva urbanística

O sujeito que paquera desliza entre a multidão, e capta – sexualizando-os – os incidentes anódinos ou insignificantes da rua. (PERLONGHER, 1987)

Há uma urgência flagrante nos passos do rapaz que não tira o capacete da moto para adentrar no cinemão, adivinha-se que sua pressa é regida pelo medo de ser visto por ali, bem como o fato de manter o capacete serve concretamente de segredo sobre quem é e o que procura. Outras pessoas descem a pé a rua do cinemão e nele entram, também de modo fugaz. Alguns outros chegam de moto e estacionam em frente, repetindo a cena: adentram o local com o rosto coberto pelo capacete. Poucos chegam de carro. Na rua central, bastante movimentada àquela hora da tarde, seriam menos visíveis?

O cinemão foi um dos dois pontos de saturação sexual selecionados em nossas observações um tanto voyeuristas da cena de Bauru, o outro foi uma sauna voltada para homens. Distâncias de classe separam os locais, associados, no entanto, pelo desejo. A recusa e o temor social à homossexualidade fazem desses lugares pontos de saturação sexual.

Foucault aciona argumentos histórico para mostrar que

[...] frequentemente, [...] a sociedade moderna tentou reduzir a sexualidade ao casal – ao casal heterossexual e, se possível, legítimo. Poder-se-ia também dizer que ela inventou, ou pelo menos organizou cuidadosamente e fez proliferar, grupos com elementos múltiplos e sexualidade circulante: uma distribuição de pontos de poder hierarquizados ou nivelados, uma “busca” de prazeres – no duplo sentido de desejados e perseguidos; proximidades que se apresentam como procedimentos de vigilância e funcionam como mecanismos de intensificação; contatos indutores. Assim é a família [...]. Seria a família do século XIX uma célula monogâmica e conjugal? Talvez, em certa medida. Mas ela também é uma rede de prazeres-poderes articulados segundo múltiplos pontos e com relações transformáveis. (Id., 2012, p.53, ênfases nossas)

Ou seja, paradoxalmente às sexualidades normativas institucionalizadas, formam-se pontos de saturação sexual, de desterritorialização e fuga, poderíamos dizer novas periferias de novos centros. Ao invés de a sexualidade ficar restrita ao âmbito conjugal e familiar, ela transborda, satura locais específicos nas cidades. No caso de nossos dois pontos, ambos situados na mesma rua na região central de Bauru, uma via que corre paralela com a grande avenida que corta a cidade de norte a sul, a mencionada Nações Unidas, ou só Nações, como os/as locais chamam-na. À primeira vista, o paralelismo entre a tal rua e a via expressa já indica que os pontos estão em uma rota de passagem. A longa rua na qual se encontram a sauna e o cinemão é movimentada e, como a



Avenida das Nações, serve para atravessar a cidade, chegar e deixar o centro, entrar e sair da via expressa, de modo que há grande fluxo de pessoas, veículos de todo porte, individuais e coletivos em vários momentos do dia e, mais diluidamente, pela noite.

A sauna, é interessante observar, está no meio de um quarteirão da longa rua de forma que em sua faixa desemboca uma das ruas perpendiculares à Nações Unidas, justamente onde, pela noite, mulheres prostituem-se. O sexo público marca a região em diferentes horários¹⁶. O território da sexualidade saturada, nesse caso, é uma estabilização momentânea:

O plano de consistência ou de composição (planômeno) se opõe ao plano de organização e de desenvolvimento. A organização e o desenvolvimento dizem respeito à forma e substância: ao mesmo tempo desenvolvimento da forma, e formação de substância ou de sujeito. Mas o plano de consistência ignora a substância e a forma: as hecceidades, que se inscrevem nesse plano, são precisamente modos de individuação que não procedem pela forma nem pelo sujeito. O plano consiste, abstratamente mas de modo real, nas relações de velocidade e de lentidão entre elementos não formados, e nas de composições de afectos intensivos correspondentes (“longitude” e “latitude” do plano). (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v.5, pp.195-196).

Quer dizer, para além da organização viária da cidade, os territórios são consistências, utilizações, fluxos, retenções que os/as agentes realizam e que não estão necessariamente atados àquela organização e nem aos/as agentes, mas aos acontecimentos – o desejo é produção de fluxos. Dizer que há territórios implica em que há delimitações, espaços em que começam e terminam determinados agenciamentos coletivos. Os corpos afluem para lá, em certos momentos a velocidade aumenta (por exemplo nos horários de pico), em outros, diminui (precisamente entre os horários de pico, por causa dos expedientes e, não somente, mas sobremaneira à noite, depois das jornadas de trabalho formalizado). Assim, territorialidades sobrepõem-se durante o dia e a noite, embora uma delas seja destacada ou prepondere sobre as demais em determinados períodos (fluxo de trabalhadores/as de dia; fluxos de desejo à noite – e secretamente durante o dia). O funcionamento da sauna é restrito¹⁷, seu horário é limitado, com hora para começar e encerrar as atividades.

¹⁶ Atentos à noção de território, no sentido deleuze-guattariano, podemos compreender esse conjunto de ruas, acessos e saídas além do território viário: a utilização dos espaços e os/as agentes mudam ao longo do dia e da noite, de modo que uma mesma porção de terra é atravessada por territorialidades que circulam e mudam.

¹⁷ No sítio do recinto diz-se que “abrimos de: segunda a domingo das 12:00h [sic] até o último cliente (por volta das 02:00 [sic] da manhã”, ou seja, funciona diariamente no período da noite. É possível encontrar programações diferenciadas para o fim de semana e eventos na cidade, promoções no meio da semana e horários mais abrangentes em tais ocasiões especiais.



Voltemos ao cinemão, cravado no centro antigo da cidade, onde tipicamente, no interior do estado de São Paulo, as cidades brotaram da linha férrea. Estamos ainda na rua paralela à avenida Nações Unidas, próximos a um *shopping center* e ao terminal rodoviário – nesse caso, temos outros pontos comerciais e outras circulações de pessoas, cujo funcionamento adentra a noite. Trabalho, lazer, trânsito e consumo marcam os fluxos.

O funcionamento do cinemão é “24/7”, isto é, 24 horas, todos os dias da semana. Além dos horários dilatados, parece claro que o público também é diverso, tanto em função da localização e do tipo de fluxo de pessoas que ela canaliza, bem como em razão dos preços, sendo a sauna mais cara. Por certo, o tipo de público que prefere cada espaço também encerra quais homens são atraídos para cada lugar; quer dizer, se os gays têm preferência pela sauna e por uma homosociabilidade menos restrita pelas inúmeras vigílias, os “héteros” tendem a preferir o cinema por causa dos trânsitos anônimos, fortuitos e secretos que deverão preservá-los de retaliações subsequentes a suas “infrações” à moral heteronormativa.

Em observações realizadas entre julho e setembro de 2017, nas esquinas próximas aos dois locais, pôde-se obter informações de um interlocutor. Trata-se de uma pessoa que se identifica como branca, de formação universitária privilegiada, morador da cidade e cliente eventual de bares, baladas, sauna e cinemão com quem temos proximidade, o que proporcionou diálogo espontâneo sobre suas impressões quanto aos locais. Segundo contou-nos ele, após ter sido informado de que estávamos colhendo dados para pesquisa, os valores monetários para ingresso nos locais não são discrepantes: R\$20,00 o cinemão e R\$25,00 a sauna. Mas o público é assaz distinto, sendo os clientes da sauna “visível e majoritariamente gays”, isto é, homens que dispõem de condições socioculturais e econômicas para enfrentar as restrições postas pela parcela normativa da sociedade à sua sexualidade, e observou ainda que os clientes da sauna são de uma classe social mais abastada, posto que normalmente possuem nível superior completo, inclusive pós-graduação, e por vezes viajam de outras cidades para cá. São solteiros (ou assim se apresentam), na faixa etária entre 30 e 40 anos.

Já o cinemão é frequentado por “héteros”, isto é, homens casados em busca de encontros fugazes, silenciosos e secretos com outros homens; e em menor número, gays, segundo percepção do interlocutor. Ao contrário do cinemão, na sauna não há clientes que chegam em motos, mas em carros novos de modelos e marcas que escapam da classificação “popular”. Parece haver discrepância de classe social e de consumo dos respectivos frequentadores de cada recinto. Além de formas distintas de administrarem o segredo.



Com relação ao marcador de diferença social cor/raça/etnia, segundo nosso interlocutor, não há negros nem pardos frequentando os locais – importa salientar que essa região do estado de São Paulo recebeu grandes fluxos de imigrantes europeus, que vinham trabalhar nas fazendas de café na virada do século XIX para o XX, no caso de Bauru, italianos e espanhóis, no de Marília, asiáticos, quer dizer, japoneses. A observação da rua ocorreu em dias “úteis” da semana no horário de pico, perceptível pelo aumento no fluxo de automóveis particulares, ônibus e pessoas entre 17h30 e 19h30. Foi constatado fluxo de homens e eventualmente mulheres que olhavam, entravam e saíam rapidamente (empregadas do local? amigas dos/as empregados/as? prostitutas?). Corroborando as observações de nosso colaborador, naquele dia, apenas um dos frequentadores era negro.

O cinemão também abrange faixas etárias mais variadas. Pôde-se perceber que alguns homens bem vestidos (camisa e calça sociais) entravam e saíam dele a pé. Nosso interlocutor disse que o cinemão é foco de quem está no intervalo de alguma atividade, explicando que nos horários de almoço, trocas de turno e entrada e saída no emprego e no trajeto para voltar para casa os homens aproveitam para passar pelo cinemão. Ou seja, em seu relato, o interlocutor indica o uso furtivo realizado por quem passa por ali. Laud Humphreys (1970) faz a mesma observação acerca de banheiros públicos em parques em uma cidade dos EUA. Nossas observações coincidem com a tipificação construída pelo autor, quando ele afirma que os banheiros públicos, no nosso caso, o cinemão, são escolhidos por homens que desejam atividade homoerótica sem comprometimento de nenhum tipo, em que o silêncio é uma moeda de troca, cujo acesso é facilitado por vias de passagem utilizadas para atravessar a cidade (HUMPHREYS, 1970, p.30).

Segundo Humphreys (1970, pp.39-51), haveria quadro tipos básicos de frequentadores: 1) “comerciantes” (tradução livre de “*trade*”, não só de profissão, mas sugerindo “engajamento em atividade homoerótica ocasional – o negócio do banheirão”) ocupando maior parcela na estatística elaborada pelo autor (38%), trabalhadores em geral, com mais de 30 anos de idade, cuja moral religiosa impede práticas sexuais dissidentes, casados, que preferem encontros rápidos. Humphreys ainda delineia uma crise de envelhecimento desses homens, na qual teriam pouca satisfação sexual com suas esposas e cujo papel sexual seria trocado nos intercursos (por exemplo, passando de “ativo” para “passivo”)¹⁸. 2) “bissexuais/versáteis” (“*ambisexuals*”), homens de classe alta, empresários, que lidariam melhor com a crise de envelhecimento se comparados ao tipo 1, também com mais de 30 anos de idade. 3) gays, de faixa etária mais

¹⁸ O que, na gíria popular gay do Brasil equivaleria a dizer que a pessoa era um “tiozinho” e virou uma “maricona”, ou seja, um homem de meia idade, 40 anos ou mais, que pratica papel de penetrado na relação.



abrangente (de 19 a 50 anos de idade, ocupando 14% da amostra do autor), que preferem relações mais afetuosas e duradouras com outros homens. 4) “mariconas/machudas/monocós/enrustidas/discretas” (traduções livres propostas para o pejorativo “*closet queens*”, categoria êmica empregada por Humphreys) tipo que frequenta sozinho os locais, possuem poucos/as amigos/as, esforçam-se em exercer o papel sexual de ativo (isto é, penetrador) e ocultar seus desejos homossexuais, possuem baixa renda e baixo grau de instrução, são piegas religiosos.

Existem fartos registros etnográficos sobre cinemas, saunas, *dark rooms* e outras casas dirigidas a práticas sexuais não normativas (BRAGA, 2013; BRAZ, 2010a; 2010b; DÍAZ BENÍTEZ, 2007; FACCHINI, 2008; FRANÇA, M.G., 2014; GASPAR NETO, 2011; PERLONGHER, 1987; VALE, 2000) que nos incitam a propor que, em Bauru, esses usos sejam também cercados pelo segredo e receio de sua revelação. Se quisermos enquadrar comparativamente nossos dados na tipificação de Humphreys, os tipos 1 e 4 preferem o cinemão, pelas razões apresentadas pelo autor, pelo interlocutor e por nós; o tipo 2 preferiria a sauna, pelos mesmos motivos; o tipo 3 transita em ambos os espaços.

A propósito, nosso interlocutor contou que o banheiro, no sentido tratado por alguns dos estudos citados acima, como local de pegação entre homens, é o da rodoviária, próxima ao próprio cinema, como já observamos. Limitar-nos-emos a anotações de passagem sobre a questão do banheiro, consoante aos relatos do interlocutor. Há rumores entre os gays, segundo informou o colaborador, de banheiros de mercados e de que um certo banheiro mais isolado, próximo a uma academia que se situa dentro de um *shopping center*, nas imediações da rodoviária, também seriam procurados. É dizer, toda a região nas adjacências do cinemão carrega marcas do “desejo homossexual” (HOCQUENGHEM, 2009, p.22), aquele criado pelo temor social à homossexualidade.

Hétero/homo não são as únicas hierarquias que atravessam as classificações do desejo. No que toca aos locais de *pegação*, outras segmentações são traçadas. Como explica Camilo Braz, em seu estudo de clubes de sexo BDSM¹⁹, em SPC:

No bar, nem sempre se “faz a linha de macho”, como disseram alguns colaboradores da pesquisa. A própria ideia do “fazer a linha” implica certa noção de “teatralidade” [implícita no jargão êmico]. As falas de muitos entrevistados evocam a ideia de que a valorização da virilidade nos clubes de sexo teria muito a ver com certa noção de “fantasia”. Não se trata necessariamente, da perspectiva

¹⁹ Sigla inglesa para práticas sexuais específicas: *bondage, domination, submission/sadism, masochism*.



de meus colaboradores, de afirmar uma “essência” masculina estável, mas de “performá-la”, ou de acionar em situações eróticas justamente aqueles atributos que possam ser lidos como viris do ponto de vista “hegemônico”.

É possível, então, questionar se essa incorporação de estereótipos de gênero em clubes de sexo masculinos constitui ou não práticas corporais potencialmente subversivas à heteronormatividade. Ainda que implique o rechaço da “efeminação”, não deixa de expor o “masculino” como uma espécie de pastiche. A ambivalência, contudo, permanece. (BRAZ, 2010b, pp.150-151)

A ambivalência pontuada por Braz ajuda a compreender fluxos furtivos no cinemão. Guardadas as proporções, os homens que se apresentam ou são lidos como “héteros” porque são casados, “discretos”²⁰, têm prole etc., buscam um local que oculta as suas transgressões. Momentaneamente, intercursos não normativos escapam e encontram refúgio lá. Recordando Padilha (2015), podemos situar o cinemão como um local do “segredo”, dessa vez inclusive prescindindo dos aplicativos. Quer dizer, uma relação mediada por diversos armários, restrita e relegada não só a um “canto” no centro velho, mas ao silêncio, à furtividade, ao segredo e regulações e ocultações diversas. A sauna ficaria realocada como lugar seletivo, pelas características dos frequentadores apresentadas pelo interlocutor, pelas intersecções de marcadores de diferença social, e pela adesão e presumível visibilidade dada pelos clientes à sexualidade não normativa, podendo inclusive destoar de modelitos heterocentros e de relações tais que exibem e pautam-se por códigos de masculinidade (contrastando de certo modo com a etnografia de Braz). Considerando a frequência de gente vinda de outras cidades como mais contumaz na sauna, poder-se-ia sugerir que ela figura como um atrativo turístico e sexual, em detrimento do cinema que talvez apresentasse-se como uma aventura exótica.

Cabe ainda salientar de passagem que essa territorialidade impregnada de desejo e segredo nas adjacências do cinema é coerente tanto com a saturação sexual operacionalizada pela cidade (FOUCAULT, 2012). Essa saturação, é preciso ter claro, cria e administra esses espaços com base no

²⁰ Trata-se de categoria nativa. No contexto social do interior paulista, em especial nas cidades sob escrutínio aqui, Bauru e Marília, o vocábulo indica um homem que mantém, esporádica ou frequentemente, práticas homossexuais com outros homens, podendo reconhecer-se ou não como gay. Em todo caso, sua identidade de gay é escondida, esse agente operacionaliza armários em diversos, se não em todos, os níveis de relações pelos quais transita, procurando esconder sua sexualidade e seus desejos não normativos de amigos/as, conhecidos/as e familiares. Alega-se numerosos motivos para esta relação de armário, entre eles estão: a questão de a familiar não aceitar; evitar represálias de amigos/as e conhecidos/as; preservar vínculo empregatício; exibir certa reputação social e pessoalmente valorizada (e compulsoriamente heterossexual), enfim, manter a vida presumidamente heteronormativa que se encena nas relações diárias e em público. Esse tipo de relação enseja restrição afetiva e sexual, na escolha de um determinado perfil de parceiro potencial – de praxe, alguém que também seja “discreto” – e nos meios utilizados – comumente aqueles que viabilizam o segredo, tais como aplicativos e recintos insuspeitos como banheiros e cinemas. A título de comparação, confronte-se Braga (2013), Braz (2007b), De Cicco (2014), Miskolci (2013), Padilha (2015), Santos e Teixeira Filho (2014).



segredo (BRAGA, 2013; BRAZ, 2010a; 2010b; GASPAR NETO, 2011; MISKOLCI, 2017; PADILHA, 2015; VALE, 2000) bem como na organização e consequente controle dos corpos e desejos. Este último ponto transparece nos relatos que fornecemos e é consoante às análises específicas de outras/as autores/as sobre locais de pegação (BRAZ, 2010a; 2010b; DÍAZ BENÍTEZ, 2007; FRANÇA, M.G., 2014; GASPAR NETO, 2011; PERLONGHER, 1987; VALE, 2000).

Bauru faz jus à alcunha de “cidade sem limites” – para a esbórnia. Entretanto, é desconcertante constatar que esses dispositivos de sexualidade dissidente jogam com uma dicotomia inaudita entre segredo e liberação. No dia 27 de agosto de 2017, um domingo, teve lugar em Bauru o Encontro da Diversidade. Ao passo que a cidade cria territorialidades saturadas de segredo e desejo, ela abre flancos para demonstrações momentaneamente “livres” das retaliações diárias à sexualidade não normativa. Pode mesmo parecer uma contradição social; o fato é que esses espaços estão sujeitados a normais de moralidade, civilidade e higiene sancionadas socialmente – daí talvez terem ganhado espaço público. A seguir passamos a analisar o evento e os fluxos provocados por essa comemoração que, anualmente, mobiliza a região. Esta análise visa exasperar a contradição ou promiscuidade entre desejo e segredo.

5. O desejo na parada

Pode-se dizer que há circulação de afectos, desejos e erotismos no centro da cidade. Por tratar-se de uma cidade-polo de uma microrregião (noroeste) do estado de São Paulo, alguns eventos de grande monta são atraídos para a cidade. Como o foco deste texto é homoerotismo e fluxos de desejo, selecionamos o Encontro da Diversidade, que seria uma versão de “parada do orgulho LGBT” em menor escala e com outros direcionamentos, no caso, promoção dos agentes políticos e econômicos envolvidos com o evento e, de maneira secundária, avanços nos direitos das pessoas trans em utilizar nome social no município. Observou-se o Encontro da Diversidade no ponto de concentração do evento, mas não a sauna e nem o cinemão, pois é notório que no dia da “parada” a mobilização gira em torno dos locais por onde ela passa e, sobretudo, no Parque Vitória Régia, cartão postal da cidade. Nos anos anteriores, a concentração deu-se na Praça da Paz, também localizada na Avenida das Nações, como o Parque Vitória Régia, conhecida por ser uma praça sem árvores ou bancos, apenas muitos *trailers* de alimentação e uma grande escultura central que justificaria o nome do local. Dali se partia, ao som dos trios, rumo ao Parque. Definitivamente, a Avenida das Nações, inaugurada em meados dos anos de 1970, pelo então presidente Geisel, atravessa os desejos da cidade e atrai fluxos regionais.



Na edição descrita por nós, a concentração e as apresentações deram-se no Parque Vitória Régia, sem marcha pela Nações. O Parque, localizado a distância do circuito da sauna e do cinema, concentrou o evento e as pessoas, longe dos locais de saturação sexual e mobilizando atenções para outras atrações do Encontro da Diversidade. Pode-se mesmo afirmar que as pessoas viriam exclusivamente para assistir ao evento, dado o número de ônibus fretados que param nas proximidades do Parque, bem como de carros com placas de outras cidades.²¹

É importante fazer algumas ressalvas: apesar de cidade-polo, o evento não tem a monta, digamos, de SPC, atraindo milhões de pessoas e, encerrando uma semana de atividades de conscientização. Nem aqueles/as que vêm para cá fazem como os/as que moram em São Paulo ou para lá vão por ocasião da parada, indo aos pontos de saturação (homo)sexual na noite anterior, “fritando”²² nas *after parties* na manhã seguinte e de lá se dirigindo à parada e depois novamente aos pontos de saturação sexual. Algumas excursões são organizadas e as pessoas vêm para cá em caravanas, mas considerando que a atração principal do evento cancelou sua apresentação, pois a artista ficou doente, muitas pessoas desinteressaram-se pelo evento. Nossos próprios amigos de Marília, cidade-polo vizinha, alegaram que iam para um parque aquático na região de São José do Rio Preto (SP) em detrimento do evento por causa daquele cancelamento – se um grande número de pessoas fizesse o mesmo cálculo, poderíamos afirmar que o evento perdeu fôlego.²³

Enquanto permanecemos no evento, tendo chegado por volta de 14h30, notamos que as pessoas aglomeraram-se no anfiteatro que justifica o nome do Parque, uma vez que o palco, estilizando uma vitória-régia, encontra-se dentro de um lago. Estamos na região mais prestigiada da cidade, perto do *campus* local da Universidade de São Paulo, de edifícios novos e do *shopping center* mais antigo da cidade.

No gramado do Parque tocava-se música e havia diversas barracas vendendo comidas e bebidas. Vimos uma ou duas caravanas (pequenas, cerca de 20 a 30 pessoas) de cidades vizinhas (dormitórios da cidade-polo) e grupos de pessoas sentadas na grama à sombra. Um primeiro fluxo

²¹ Veja-se ainda relatos apresentados na cobertura do evento por jornais: <<https://www.jcnet.com.br/Geral/2017/08/vitoria-lgbt.html>> acesso em 04-09-2017.

²² Termo êmico reapropriado e ressignificado, indica uso de entorpecentes durante eventos tais como baladas e *after parties* – nome dado a festas que dão continuação à balada e ao uso de complementos ilícitos, os quais podem ter efeito cuja duração pode ser bastante longa, de muitas horas.

²³ Um jornal local anunciou o cancelamento do evento (18-08-2017): <<https://www.jcnet.com.br/Cultura/2017/08/pablo-vittar-fica-doente-e-parada-da-diversidade-e-cancelada-em-bauru.html>> acesso em 04-09-2017; posteriormente (20-08-2017) o jornal retificou o evento: <<https://www.jcnet.com.br/Geral/2017/08/abd-fara-encontro-da-diversidade-no-proximo-domingo.html>> acesso em 04-09-2017. Outros relatos e percepções sobre o evento, inclusive sobre a “perda de fôlego”, podem ser lidos na cobertura do mesmo jornal: <<https://www.jcnet.com.br/Geral/2017/08/vitoria-lgbt.html>> acesso em 04-09-2017.



causou-nos estranheza: no período vespertino, os/as frequentadores/as eram predominantemente negros/as e pardos/as, segundo atribuição subjetiva nossa. De um ponto de vista relativo a uma classe social mais abastada, aqueles homens homossexuais poderiam ser classificados nas categorias êmicas “bicha” ou “pão com ovo”, sendo essas compreendidas pela linguagem êmica como meninos gays, negros ou pardos, efeminados e moradores de bairros periféricos – pobres, evidentemente estigmatizados por um ponto de vista favorecido cultural e socioeconomicamente. Também chamou nossa atenção que os homens e mulheres presumidamente²⁴ heterossexuais estavam lá para trabalhar (no caso, vendendo comidas e bebidas) e também eram de cútis mais escura; diferentemente dos/as presumidos/as homossexuais, que não obstante tivessem a tez escura, estavam lá para “ferver” – o que é uma ocasião de diversão e lazer para uns, pode configurar-se como oportunidade de trabalho informal para outros. Não bastasse esse contraste, por volta de 18h pudemos visualizar intenso fluxo na via expressa no sentido sul, direção em que se encontram bairros de condomínios. Por volta de 19h, esse público mais negro embranqueceu. Supomos que aquelas pessoas mais escuras foram embora, premidas pelo horário dos transportes públicos ou pela necessidade de engajarem-se no trabalho no dia seguinte, uma segunda-feira. O público foi embranquecendo com o cair da noite. Pessoas com roupas de marca e, aparentemente, de banho tomado, passaram a circular por ali. Houve um claro rodízio de fluxos, pessoas, classes e “raças”.

Vasculhamos o Parque e seus arredores ao anoitecer. Pessoas acomodadas na grama, sentadas ou deitadas em pequenos grupos sobre lençóis. Outras pessoas “ficavam” aqui e ali. Alguém foi fazer banheiro? – indagamo-nos. Os banheiros químicos tinham filas enormes, mas, pelo que se pôde observar, ninguém os usou para atos eróticos e sexuais. As moitas e sobras do parque também estavam inertes. Os dois banheiros das laterais do anfiteatro chamaram a atenção: as pessoas passavam por ali e entravam em bando (03 ou mais pessoas, normalmente meninos). O cheiro peculiar saía porta a fora. Nós não entramos: não havia luz, já era noite quando fomos até lá e não poderíamos ter visto nada, de qualquer modo.

Nosso interlocutor voluntário e espontâneo, entretanto, foi à sauna na tarde do Encontro da Diversidade. Segundo sua percepção, a sauna estava cheia naquela tarde (08 a 10 homens). A lotação do cinemão, conforme o interlocutor, gira em torno de 05 a 07 homens. Ele contou que na sauna, durante o evento, havia gente daqui e de fora. Não é possível fazer inferências sustentáveis

²⁴ Essas presunções subjetivas guiam-se pelas performances de gênero. Judith Butler (1993) explica que os gêneros são performances, atos de linguagem materializados em corpos que são reiterados nas relações diárias e daí ganham concretude e possuem ainda referenciais de gênero e normas sociais que são citadas nas performances. Nós estamos imersos no mundo social e, embora não julguemos as pessoas, percebemos essas materialidades, citações e reiterações dos gêneros para fins de registro.



quanto aos números e sua associação estatística com eventos, mas sabe-se que há grupos de amigos que se juntam e partem de uma cidade para outra em busca de recreações diversas.

O interlocutor observou que as pessoas de classe social mais favorecida de Bauru vão para SPC. O fato confirma-se: há fluxo semanal de pessoas do interior para a capital, bem como de pessoas das vizinhanças para a cidade-polo regional por causa de trabalho, estudos e lazer. Nos meses finais e iniciais de cada ano, o trânsito intensifica-se, por ocasião das férias, festas e da família, numerosas pessoas afluem da capital para o interior e pode-se notar aumento considerável de gente nas cidades, nos eventos e nos aplicativos móveis para fins de relacionamentos sexuais/amorosos.

Por outro lado, a predileção das pessoas pelo evento público gratuito passa pela questão da classe social, como foi argumentado anteriormente. O pessoal que apareceu no início da noite, depois de um banho, sabe que eventos gratuitos enchem de pessoas mais pobres. Assim é possível que essas pessoas que preferiram comparecer à noite estivessem usufruindo de serviço pagos em outras áreas, certamente não na sauna ou no cinema, mas poderiam estar nos *shopping centers*, por exemplo – inclusive, convém notar de passagem, os gays que viajam nos fins de semana para baladas em outras cidades costumam dar um passeio nos *shopping centers* no domingo à tarde ou à noite, antes de retornarem para suas cidades.

Verlan Valle Gaspar Neto (2011), a partir do aporte teórico de Deleuze e Guattari, que nos é caro aqui, pesquisa e descreve uma situação similar à nossa em alguns aspectos. Segundo o autor, haveria

[...] coeficiente de anonimato e as estratégias utilizadas pelos indivíduos de modo a interagir com outros possíveis interessados em pegação. Sem entrar em detalhes, no que se refere ao coeficiente de anonimato, procurei mostrar o quanto ele variava gradativamente de um tipo de espaço para outro, sendo maior nos banheiros públicos e praticamente inexistente na sauna. (GASPAR NETO, 2011, p.149)

Ora, esses coeficientes e estratégias praticamente repetem-se nos casos observados por nós. Segundo o autor, esses coeficientes refletem processos de desterritorialização e reterritorialização de desejos, corpos e agentes no espaço público em determinados períodos de tempo. Assim também nós verificamos uma organização da transgressão, para emprestar o termo de Georges Bataille, citado por Gaspar Neto, no espaço e tempo urbanos. Cada dimensão de “pegação” envolve agentes sociais envolvidos em multiplicidade de tramas sociais. Muitas vezes, certos agentes, presos a seguimentos morais rígidos, encontram uma linha de fuga no cinemão. Conquanto que outros agen-



tes, que entram em devires menos heteronormativos, podem acessar locais ainda mais desterritorializados dos códigos heteronormativos (“regras de etiqueta”, conforme o autor), no nosso caso e no estudo dele, a sauna. Obviamente, cada recinto possui regras particulares de uso impostas a seus usuários, podendo até mobilizar alguma vigília em seu interior (que pode ser efetivada por funcionários e/ou outros usuários). Tudo isso reflete a organização da transgressão sexual na cidade e serve como caixa de ressonância de armários.

Além disso, em se considerando os indivíduos com inclinações homoeróticas, não é bastante incomum que muitos deles se sintam como verdadeiros transgressores em função de seus desejos internos e dos modos pelos quais eles satisfazem esses desejos. E por se sentirem transgressores, estão cientes dos tipos de sanções a que podem estar sujeitos por nutrirem atração por pessoas do mesmo sexo. (*Id., ibid.*, p.151)

É por isso que Gaspar Neto defende o uso da noção de transgressão. Quer dizer, a sexualidade periférica, notadamente homossexual, é vista como transgressão por grande parte da sociedade – nesse caso, transgride-se ao dispositivo de sexualidade normativo, nos termos de Michel Foucault (2012), – inclusive podendo ser malvista por outros homens que partilham desejos homoeróticos. Existem graus de liberdade, variações e graus de desterritorialização de cada local e de cada agente, que não podem ser justapostos com precisão, antes compondo uma zona de indiscernibilidade (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v.4), em que os corpos apenas seriam momentaneamente distinguíveis por diferenças de velocidade um em relação ao outro. São essas algumas razões que nos levam a preferir considerar as afecções das áreas de saturação sexual em termos de nomadismos.

Seria possível fazer uma amostragem por algum aplicativo, isto é, uma mídia digital portátil, com GPS (*Global Positioning System*), para corroborar o fluxo de desejo e sua associação com o evento? Por volta de 16h30 fomos para casa para aferir o aplicativo. De passagem, o aplicativo utilizado foi um dedicado especificamente a homens que buscam encontros afetivos/sexuais com outros homens. Trata-se do *Hornet*. Esse programa disponibiliza a maioria das funções gratuitamente a qualquer usuário. Foi selecionado por permitir uma pesquisa mais ampla da população, sendo que ele desfruta de predileção entre os agentes estudados, o que pode ser verificado não só pela gratuidade mas pela disparidade gritante no número de usuários nele cadastrados frente a outros que são pagos, muito restritivos ou menos populares.

Antes de apresentar a metrificação do dia do evento, apresentar-se-á dados referentes à cidade cerca de trinta dias antes. O mês de julho pareceu importante para verificar e metrificar os



moradores de Bauru, posto que os universitários estão de férias e provavelmente ausentes da cidade e da localização pelo aplicativo. Uma amostra relevante da população urbana do município, com erro estatístico controlado em até 0,05, seria de 400 indivíduos aproximadamente. Para Bauru, em julho de 2017, temos a seguinte distribuição amostral por faixa etária, de acordo com o padrão do IBGE, e por disponibilidade de perfil e distância no aplicativo:

Quadro I: distribuição de perfis em aplicativo por faixa etária, julho/2017

Faixa IBGE	quantidade	% em relação à amostra
- 20	26	6,5163
20 – 24	136	34,0852
25 – 29	138	34,5865
30 – 34	47	11,7794
35 – 39	26	6,5162
40 – 44	13	3,2581
44 -	13	3,2581
totais	399	100

Fonte: elaborado por Shelton De Cicco e Gabriel Fantini Ziviani Filho.

Na coluna “faixa IBGE” tem-se as faixas etárias do próprio IBGE, adequadas à exigência de maioria do aplicativo. Na coluna “quantidade” apresenta-se a quantidade de perfis contados e distribuídos por faixa etária. Na coluna “% em relação à amostra”, observa-se a distribuição da amostra em cada faixa. Trata-se de amostra de 399 indivíduos moradores de Bauru – cujos habitantes compõem a população. Cumpre ressaltar que as faixas entre 18-30 anos de idade abrangem a base mais larga da pirâmide etária, com cerca de 74% de representatividade dentro da amostra. Esses dados coadunam-se com as estatísticas oficiais do IBGE quanto à população estimada para Bauru em 2017, bem como à distribuição na pirâmide etária do município. As faixas etárias com menos de dezoito anos são ignoradas neste estudo por causa da cláusula do aplicativo de que o usuário seja maior de idade. As faixas superiores a 44 anos de idade também são deixadas de lado por sua baixa frequência ou mesmo ausência na amostra.

Um mês após esta amostragem, as faixas etárias entre 18-35 anos apresentaram por si só número equivalente à amostra relevante. Ou seja, contando novamente cada perfil do aplicativo em meados de agosto de 2017, antes do Encontro da Diversidade e nos dias úteis da semana, temos a seguinte distribuição:



Quadro II: distribuição de perfis em aplicativo por faixa etária, Agosto/2017

Faixa IBGE	quantidade	% em relação à amostra
- 20	59	14,7870
20 – 24	146	36,5915
25 – 29	130	32,5815
30 – 34	35	8,7719
totais	370	92,7318

Fonte: elaborado por Shelton De Cicco e Gabriel Fantini Ziviani Filho.

Cada coluna do Quadro II representa o mesmo que no Quadro I, conforme exposto acima. Nesse caso, a amostra foi deliberadamente recortada entre as faixas etárias mais representativas da pirâmide etária. É possível notar que a faixa até 19 anos de idade, exclusive 20 anos de idade, praticamente dobra de tamanho. A inferência é de que esse pessoal é composto por universitários, considerando período do ano letivo e idade. As demais faixas etárias sofrem variação baixa dentro da amostra.

No dia do Encontro da Diversidade da diversidade em Bauru, por volta de 16h30, nós acessamos o aplicativo e fizemos a ligação do perfil de pesquisa com todos os perfis no raio de aproximadamente 10km de distância²⁵. O aplicativo, com todas as suas atualizações de distância e acesso dos usuários, movimentação de pessoas mais ou menos fidedigna, não obstante a fluidez, contabilizou 380 perfis nas faixas etárias entre 18-35 anos no dia do evento. Nossa intenção era, posteriormente, acessar os perfis e verificar a distância de cada um para chegar a uma quantidade de perfis e pessoas que supostamente vieram a Bauru por causa do evento. Infelizmente, na quarta-feira seguinte ao Encontro da Diversidade, muitos perfis haviam bloqueado o perfil de pesquisa; ou mesmo muitas pessoas podem ter criado um perfil falso só para usarem no dia do evento e que foi excluído em seguida. O aplicativo contabilizou 307 perfis ligados ao de pesquisa. Desses, muitos não compartilhavam a informação distância. Deduzimos, pelas indicações textuais nos perfis, que alguns vieram de SPC, Curitiba, cidades de Minas Gerais e Paraná. Aqueles que apresentavam a informação da distância que era superior àquela considerada plausível para um morador de Bauru somavam 56 perfis. Temos então certeza que cerca de 56 pessoas deslocaram-se de outras cidades, entre 28km até 191km²⁶, em linha reta, raio geodésico, entre nosso ponto de acesso em Bauru e suas localizações atualizadas. Isso significa que houve fluxo de pessoas e desejo entre as cidades.

²⁵ Considerando o local de acesso e as dimensões da cidade de Bauru, e que o posicionamento do aplicativo é geodésico, isto é, um raio linear que não considera relevo e nem curvatura da Terra, e ainda considerando o “salto” na distância entre um e outro perfil, digamos, de 12km para 27km, a distância média de 10km pareceu conveniente.

²⁶ As cidades dentro do círculo são os dormitórios de Bauru (04 perfis) e os de Jaú e Botucatu (cerca de 10 perfis); as demais quilômetros remetem às cidades-polo: Jaú, Boucatu, Avaré, Marília, São Carlos, Ourinhos, Araraquara, Lins,



A discrepância entre quantidade de perfil entre julho e agosto é alta; mas entre agosto e o evento, a nosso ver, é ínfima. Efetivamente, a diferença entre amostra no meio da semana em agosto e durante o evento é de dez perfis. Mas ainda há mais. O que mais nos intrigou, quando retornamos ao Encontro da Diversidade após a coleta de dados no aplicativo, foi a constatação gritante de que aquelas pessoas dos perfis *não estavam no evento*. Como foi dito, as pessoas no evento, até por volta de 18h30, eram bichas efeminadas, negros/as, trabalhadores e decerto provenientes de bairros periféricos. As pessoas do aplicativo eram homens, machos, barbados, brancos, sarados, um desfile de corpos higienizados, musculosos e desejáveis e que *não se encontravam no local*. Havia sim, obviamente, um e outro grupo de homens que em linguagem êmica chamaríamos “bárbies”²⁷, dançando e flertando entre si. Mas não mais do que uma dúzia de indivíduos. Onde estavam as pessoas do aplicativo? Na sauna e no cinemão não estavam – recorde-se: contabilizamos centenas de homens no aplicativo, nosso interlocutor, na sauna, mal e mal uma dezena, tendo considerado que o recinto estava “lotado”–, também não estavam no Encontro da Diversidade. Estariam em casas de amigos? Em *shopping centers*? O fluxo *online* não podia ser percebido no *offline*, pelo menos não naquele momento. Os perfis nos aplicativos não são uma ficção, mas pode ser uma expressão das coibições morais ainda presentes que fazem com que homens e rapazes prefiram “flertar com a normalidade” (PELÚCIO, 2017). Nossas observações parecem estar de acordo com o que observou Miskolci em sua pesquisa sobre uso dos aplicativos entre homens em São Paulo. Larissa Pelúcio, resenhando o trabalho do sociólogo, observa que os colaboradores de Miskolci

[s]ão seletivos. Muito seletivos. Há naquele gesto, e na possibilidade de infinita escolha, um aparente controle do dispositivo libidinal. Em contraste com a urgência que rege os encontros acordados nas ruas, em flertes dissimulados ou nos encontros fortuitos de transas clandestinas, na procura mediada esse combo emocional tende a se diluir. Em frente à tela do celular, as consultas podem ser demoradas e, até mesmo, divertidas, além de parecerem mais seguras. (PELÚCIO, 2017, p.11)

As mídias digitais, propõe Miskolci, tendem a manter e mesmo ampliar o armário. O uso dos aplicativos “prometem suavizar os incidentes anódinos da rua, tão previsíveis quanto indesejados. Ser publicamente heterossexual ainda é uma espécie de imperativo, e enfrentar esse regime regulatório da visibilidade dos desejos e afetos pode ter custos sociais altos” (PELÚCIO, 2017, p.12)

Catanduva, Assis, Piracicaba, Rio Claro, Limeira, Pirassununga, Ribeirão Preto, Birigui, São José do Rio Preto e Araçatuba, inclusive seus dormitórios.

²⁷ Em linguagem êmica, bárbie seria o menino cujo corpo exibe forma musculosa, normalmente de pelos aparados ou depilado, e conforme ao padrão do que seria um corpo desejável.



Na observação do campo, os marcadores de diferença social, especialmente classe social, cor e gênero saltaram aos nossos olhos. O que aconteceu? Perfis falsos? Uma hipótese mais plausível parece ser a de que as pessoas pobres, que geralmente vivem em bairros afastados e são negros/as marginalizados/as, e que também entram em sexualidades e gêneros não normativos, não usufruem da cidade da mesma maneira que aquelas classes mais favorecidas e, via de regra, mais branca. As pessoas não estavam caçando pelo aplicativo no evento, estavam se divertindo. Essa diversão, que terminou por volta de 18h, parece ter sido uma oportunidade *por ser um evento gratuito*.

Padilha (2015) desenvolve análises dos perfis atrelada a alguns marcadores de diferença social:

O segredo é a alma do negócio toma como pano de fundo a hipótese de que, entre a maioria dos meus interlocutores, os usos dos aplicativos são marcados pelas negociações em torno do segredo. Dito de outro modo, o que guia o jogo de negociação e sedução nas redes constituídas a partir dos aplicativos é a busca por aqueles homens que sustentam – e, em alguns casos, ostentam – uma apresentação considerada discreta e enfática com relação àqueles atributos considerados masculinos. O “segredo” e a “discrição” combinam com uma imagem viril na medida em que apontam para sujeitos capazes de resistir ao escrutínio público e “passar por” hétero, indo de encontro ao centro das demandas expressas nos perfis. (*Id., ibid.*, p.21)

É um problema de gênero em contexto de mídias digitais, conforme aponta do autor (*Id., ibid.*, p.20). Esse problema de gênero também está presente em Braz (2010a), no contexto dos clubes de sexo, e em De Cicco (2014), com relação à produção de devires-homossexuais. O problema entre mostrar e esconder, nomear e silenciar perpassa diversos níveis de contato social e sexual. Gibran Teixeira Braga (2013), em estudo sobre sítios para encontros homoeróticos e homoafetivos, aponta também essas reinserções de hierarquias e chega a propor que, na verdade, o modelito de homossociabilidade, especialmente quando mediado pela rede e por aplicativos, antes de ser paritário e mais democrático, é machonormativo e de um igualitarismo que é unilateral (BRAGA, 2013, pp.20-42). Por outras palavras, a heteronormatividade é realocada no interior das relações entre gays e o suposto igualitarismo do modelito outrora denominado gay-gay é unilateral, podendo prescindir em algum ponto do binarismo dos papéis sexuais, mas reafirmando e reforçando estereótipos de masculinidade, ideais de corpos desejáveis e restringindo as relações entre iguais, quer dizer, entre pessoas que mobilizam os mesmos códigos sociais.

Está tudo aí. Bichas peregrinas que entram em devires diaspóricos na busca de parceiros e que constituem afectos nômades. Restrições impostas pelas pessoas por diversas hierarquias baseadas em numerosos marcadores de diferença social. Amplos espaços públicos apropriados pela luta por



respeito e visibilidade às sexualidades e gêneros não normativos lado a lado com zonas de vizinhança entre saturação sexual e cotidiano trivial, indiscernibilidade em que armários são preservados e ampliados (BRAGA, 2013; BRAZ, 2010a; 2010b; MISKOLCI, 2017; PADILHA, 2015).

“No interior não tem nada para fazer” – certamente! Quem tem condições financeiras busca seu lazer em cidades mais cosmopolitas e diversificadas – o interior está “modernizado” em termos de serviços, mas não tanto em termos sexuais e morais. Novamente, Humphreys (1970) apresenta na análise do tipo 2, que é mais rico e possui mais capital cultural, homens casados ou não, que viajam a trabalho e lazer e gozam de aventuras sexuais mais requintadas. E quem não tem as mesmas condições, seja pelas dificuldades monetárias, seja pelas amarras à família em todos os sentidos, busca suas fugas nos redutos de fugas, nos contatos furtivos desterritorializados dos olhares públicos e reterritorializados nos armários, guetos e travessias que o capitalismo engendra na cidade. Isadora França (2013) utiliza uma expressão que poderia sintetizar essa contradição: “do universo perfeito ao cinemão”. No caso, França estuda gays de classes altas que deslocam-se no interior do mercado de lazer noturno em busca de “cafuços”²⁸; o que denotaria uma deriva de convenções e transgressões de desejo ambivalente, visível na intersecção de marcadores sociais de diferença (FRANÇA, I.L., 2013, p.72). Pela conclusão do artigo, vemos que os limites da sexualidade, os prazeres e perigos, aparecem em deslocamentos geográficos empreendidos de fato pelos agentes.

6. Considerações finais

Parte do processo de circulação está descrito na seção anterior. Entretanto, a circulação de afectos não se resume aos pontos de saturação sexual destacados. Há ainda pontos de consumo “discretos” em suas incitações sexuais, mas que, entre diversas funções, podem produzir ou conduzir a intercurso sexual, ainda que a interação pessoal inicie-se ali para acabar alhures. Esses pontos discretos são bares, boates, centros de compras; outros lugares podem ser residências ou motéis.

Supomos que haja uma rede de circulação entre esses pontos discretos e os de saturação justamente por causa de sua vizinhança. A região central serve ao consumo e à passagem. Entre entrar e sair dela, ou seja, atravessá-la, existe a possibilidade e lugares para acontecer coisas. Essas questões ficarão para outra ocasião.

²⁸ Linguagem êmica: homem rústico, negro, geralmente de classe popular, viril em vários aspectos, que é objeto de desejo exotizado por classes mais ricas e mais brancas.



Explorar fluxos de desejo dentro de uma cidade e entre uma e outra cidades pode ser fascinante e, ao mesmo tempo, revelador dos regimes regulatórios insuspeitos ou digitais, que ainda no presente desautorizam o “desejo homossexual”. Neste artigo procuramos demonstrar que existe efetivamente redes de circulação de desejo entre cidades do interior paulista e dentro delas mesmas. Delineamos o território na região central de uma dessas cidades que satura práticas homoeróticas dissidentes. Vimos como essas práticas não estão descoladas do contexto de trabalho, sem prejuízo do lazer, criando tráfegos, trânsitos e passagens que descodificam valores e espaços morais para reterritorializar os desejos sob os olhos do mundo público normativo, por vezes escondendo agentes e preservando estruturas de armário, outras vezes subvertendo a ordem e gerando possibilidades de fuga.

Ao acompanhar os fluxos em um evento, pudemos notar como diferentes marcadores de diferença social são mobilizados e reinseridos nas relações. Observamos como um evento mobiliza pessoas as mais díspares e produz clivagens aliadas ao consumo, ao local de moradia, à “raça”, ao pertencimento geracional, à sexualidade e ao gênero, ao trabalho e às classes sociais. O desejo flui por entre todas essas clivagens, ora as subvertendo, ora as reiterando. Territórios são engendrados pelo desejo ou ainda desterritorializados por ele.

Não só a circulação de pessoas e desejos entre cidades, vislumbramos ainda como esses fluxos desejantes representam-se em mídias digitais, no caso, especificamente os aplicativos para celulares inteligentes (*smartphones*), ali reproduzindo padrões de sociabilidade, desejo e seleção de parceiros. Esses aplicativos não estão isentos das vicissitudes e clivagens, territorializações e exclusões promovidas pela cidade, pelo capitalismo e pelas pessoas. Desse modo, vimos que as pessoas usam os aplicativos em eventos e na circulação desejante, e que os marcadores de diferença social são mobilizados pelos usuários, representando uma estreita parcela da realidade social e excluindo muitas outras. Por outras palavras, o interior paulista, arriscamos dizer, não parece mais conservador que a capital se pensado pela lógica do descarte, altamente excludente dos aplicativos e pela segmentação dos espaços de pegação e ferveção. Além da circulação e dos fluxos desejantes entre as cidades-polo e suas circunvizinhas, há uma intensa troca libidinal, na qual as cidades-polo tendem a ser aquelas nas quais o horizonte aspiracional de muitos rapazes desenha e expande-se. Porém, esse alargamento das possibilidades afectivas não parece significar uma expansão dos limites constrangedores da norma heterossexual. Os eventos pontuais, as noites festivas dos finais de semana e mesmo as férias universitárias, alteram a paisagem desejante, mas não o desejo. Flagrante nos aplicativos que, antes de ampliar as buscas e permitir que as “bichas peregrinas” proponham-se a expandir o campo contraído do “desejo homossexual”, transportam para o online



muitos dos constrangimentos que regem a paquera offline. O negócio do desejo ainda flerta grandemente com a normalidade.

Referências

- ALVES, José Xaides de Sampaio. *Voçorocas do poder público: na lei, forma e gestão urbana na “Cidade Sem Limites”*. 2004. 291 f. Tese (Doutorado), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, s/n, 2004.
- APPADURAI, Arjun. *Dimensões culturais da globalização: a modernidade sem peias*. Lisboa, Portugal: Teorema, 1996.
- BARBOSA DA SILVA, José Fábio. Homossexualismo em São Paulo [1958]. In: GREEN, James Naylor; TRINDADE, Ronaldo (orgs.) *et all. Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: ed. Unesp, 2005. pp. 47-213.
- BERLANT, Lauren; WARNER, Michael. Sexo en público. In: JIMÉNEZ, Rafael Manuel Mérida, (ed.). *Sexualidades transgresoras: una antología de estudios queer*. Barcelona: Icaria, 2002. pp.229-257.
- BRAGA, Gibran Teixeira. “*Não sou nem curto*”: prazer e conflito no universo do homoerotismo virtual. 2013. 105f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, s/n, 2013.
- BRAZ, Camilo Albuquerque. *À meia-luz: uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos*. 2010. 264 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, s/n, 2010a.
- _____. Macho *versus* macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, pp.175-206, jan.-jun., 2007.
- _____. “Mas agora confessa...” notas sobre clubes de sexo masculino. *Sexualidad, salud y sociedad*, n. 4, pp.127-156, 2010b.
- BUTLER, Judith. *Bodies that matter: on discursive limits of “sex”*. London: Routledge, 1993.
- DE CICCO, Shelton. *Lugar certo, na hora errada: etnografia do processo de construção de identidade homossexual ou cartografia dos devires de homens homossexuais em Marília*. 2014. 116f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, s/n, 2014. Disponível em <<https://drive.google.com/file/d/0B6dzSpa6aBzxYi1fZzhoYnIyM3M/view?usp=sharing>> acesso em 09-09-2017.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia II*. São Paulo: ed. 34, 1997. 5 vols.
- _____. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: ed. 34, 2010.
- D’EMILIO, John. *Sexual politics, sexual communities: the making of a homosexual minority in the United States 1940-1970*. Chicago: University of Chicago Press, 1983.
- DÍAZ BENÍTEZ, María Elvira. *Dark room* aqui: um ritual de escuridão e silêncio. *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 16, pp.93-112, 2007.
- DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo, Martins Fontes, 2010.
- FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. 2008. 323f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, s/n, 2008.
- _____. “*Sopa de letrinhas*”? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo. 2002. 241 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, s/n, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2012.



FRANÇA, Isadora Lins. *Cercas e pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo*. 2006. 257 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, s/n, 2006.

_____. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. 2010. 289 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, s/n, 2010.

_____. Do universo perfeito ao cinemão: homossexualidade masculina, deslocamento e desejo na cidade de São Paulo. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, n. 1, v. 44, pp.44-73, jan.-jun., 2013.

FRANÇA, Matheus Gonçalves. Entre luzes e penumbras: uma etnografia em “cinemões”. *Revista Habitus*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, pp.27-43, Dez. 2014.

GASPAR NETO, Verlan Valle. a organização da transgressão em espaços de pegação masculina: três breves relatos etnográficos. *Antropolítica*, Niterói, n. 31, p.147-165, sem. 2011.

GOMES DE MORAES, Elaine Cristina. Papel dos eventos em movimentos sociais: um estudo de caso sobre a parada da diversidade de Bauru. *Razón y Palabra*, [S.l.], v. 18, n. 1_86, pp.697-710, jun. 2014. ISSN 1605-4806. Disponível em: <<http://revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/339/375>>. Fecha de acceso: 11 sep. 2017

GREEN, James Naylor. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: ed. Unesp, 2000.

GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HOCQUEGHEM, Guy. *El deseo homosexual*. Madrid, Melusina, 2009.

HUMPHREYS, Laud. *Tearoom trade: impersonal sex in public places*. Chicago: Aldine Publishing Company, 1970.

KURASHIGE, Keith Diego. *Marcas do desejo: um estudo sobre os critérios de “raça” na seleção de parceiros em relações homoeróticas masculinas criadas online na cidade de São Carlos*. 2014. 121 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, s/n, 2014.

MISKOLCI, Richard. *Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros online*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

_____. Machos e brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, pp.301-324, jan.-abr., 2013.

PADILHA, Felipe André. *O segredo é a alma do negócio: mídias digitais móveis e a gestão da visibilidade do desejo homoerótico entre homens na região de São Carlos*. 2015. 121f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, s/n, 2015.

PELÚCIO, Larissa. Um flerte com a normalidade – Apresentação. In: MISKOLCI, Richard. *Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros online*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

PERLONGHER, Néstor Oswald. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SANTOS, Daniel Kerry; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Cartografias do armário: estratégias do desejo em uma cidade do interior paulista. *Bagoas*, Natal, v. 9, n. 11, pp.177-209, 2014.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito [1903]. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p.577-591, Out., 2005.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins; MACEDO, Marcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 35, pp.37-78, Jul.-Dez., 2010.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. *No escurinho do cinema: cenas de um público implícito*. São Paulo/Fortaleza: AnnaBlume/Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

